

Resistência fisiológica ao mofo branco usando o ácido oxálico em plantas transformadas do feijoeiro

Helen Vitória Stival Araújo¹, Victor Fernando Rodrigues da Silva², Gesimária Ribeiro Costa Coelho³, Josias Corrêa de Faria⁴

A ocorrência de doenças, de modo geral, reduz a produtividade, promove instabilidade na produção e aumenta o risco de implantação da cultura do feijão. O mofo branco (*Sclerotinia sclerotiorum*) vem recebendo lugar de destaque entre as doenças do feijoeiro. Essa doença pode causar até 80% de redução na produção e pode permanecer viável no solo por até 15 anos, por meio de estruturas de resistência, chamados de escleródios. A medida de controle mais eficiente é a resistência de genótipos ao fitopatógeno. Um dos procedimentos para estudo da resistência é a utilização de um método indireto que visa identificar a resistência fisiológica, por meio da reação ao ácido oxálico. Sua vantagem é a avaliação de uma ampla gama de genótipos em um curto período de tempo, a independência da necessidade de manuseio do patógeno e dos erros advindos da variabilidade patogênica e devido ao fato de se poder evitar o efeito do ambiente na avaliação feita em campo. Evidências experimentais mostraram tanto em testes em casa de vegetação quanto em testes de campo, que os genótipos mais tolerantes ao ácido oxálico são os mais resistentes ao mofo branco, uma vez que o mesmo é considerado o fator primário de patogenicidade do fungo. O presente trabalho teve como objetivo avaliar se há associação entre a resistência ao ácido oxálico em laboratório e a resistência em casa de vegetação quando efetuada inoculação com disco de meio de cultura contendo micélio do fungo. Constatou-se, que houve diferença entre os genótipos quanto à resistência ao ácido oxálico. Houve relação com dados obtidos por PCR. Entretanto, não foi observada relação com a resistência quando inoculada com micélio do fungo indicando que inoculações efetuadas com o próprio patógeno podem ser mais eficientes quando se trata do estudo de resistência de plantas transgênicas.

¹ Estudante de Graduação em Biologia na Uni-Anhanguera, Estagiária na Embrapa Arroz e Feijão, Santo Antônio de Goiás, GO helenstival@hotmail.com

² Estudante de Graduação em Biologia na UFG, Estagiário na Embrapa Arroz e Feijão, Santo Antônio de Goiás, GO victor200607@hotmail.com

³ Analista B, na Embrapa Arroz e Feijão, Santo Antônio de Goiás, GO gesimaria@cnpaf.embrapa.br

⁴ Engenheiro agrônomo, PhD. em Fitopatologia, pesquisador da Embrapa Arroz e Feijão, Santo Antônio de Goiás, GO, josias@cnpaf.embrapa.br